

EVOLUÇÃO DA TAXA DE SINDICALIZAÇÃO NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI NO BRASIL

Autor: Pedro Henrique de Alcantara e Silva (pedroalcantara131@gmail.com)

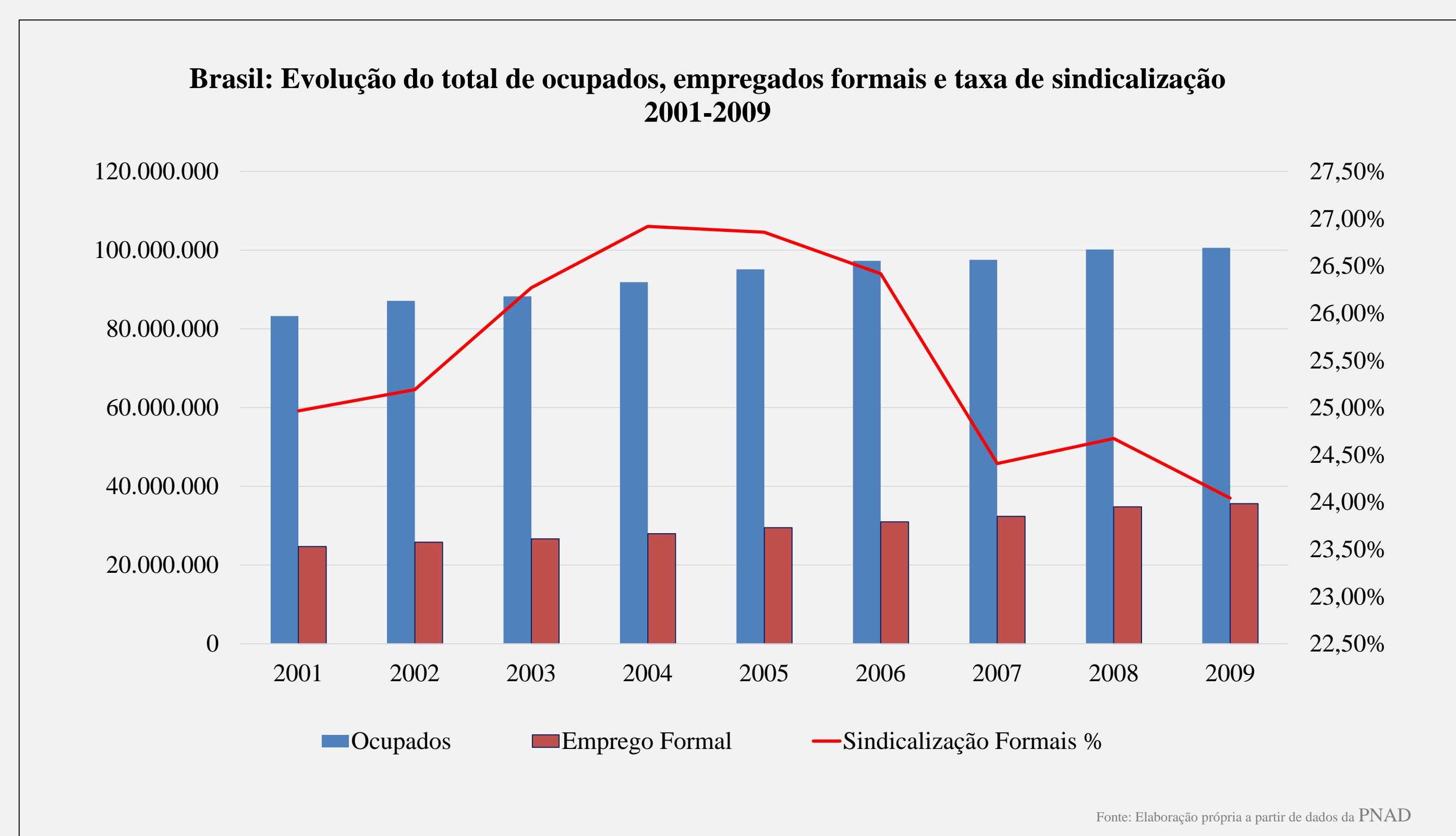
Orientador: José Dari Krein (dari@eco.unicamp.br)

Unidade: Instituto de Economia (IE/UNICAMP)

Financiamento: PIBIC/ CNPq

INTRODUÇÃO

Diante do cenário de ampliação de postos de trabalho formais a partir de meados da década de 2000, e da melhora de alguns indicadores do mercado de trabalho, a presente pesquisa buscou analisar o comportamento da taxa de sindicalização durante a década de 2000, com foco nos assalariados formais com carteira de trabalho registrada (base principal dos sindicatos no Brasil), desagregando os dados disponíveis na Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) de forma a identificar em que segmentos houve variação no associativismo sindical, construindo um perfil da sindicalização do trabalhador brasileiro ao mesmo tempo em que buscou elementos para explicar o próprio comportamento da taxa de sindicalização, confrontando os dados entre si, assim como com o contexto do mercado de trabalho e movimento sindical brasileiro no período. Como hipótese norteadora da pesquisa apontou-se que o comportamento da taxa de sindicalização brasileira na década de 2000 poderia ser em grande medida explicada pela estrutura de emprego do mercado de trabalho no período, concentrada na base da pirâmide social e em setores historicamente de menor presença do sindicalismo, o que em grande medida se verifica após o a análise do conjunto de dados obtidos e analisados.



METODOLOGIA

A principal base de dados utilizada no trabalho foi a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD). Passível de críticas por não ser uma base de dados oficial para as variáveis relacionadas ao mercado de trabalho e, em especial, para o levantamento da filiação sindical, a PNAD possui, a interessante característica, de ser uma pesquisa por auto declaração, o que pode agregar à estimativa de filiação sindical apurada o sentimento de pertencimento que os filiados têm em relação ao sindicato.

A variável principal extraída da base de dados foi a V9087, em que se faz a seguinte pergunta ao entrevistado: “Era associado a algum sindicato no mês de referência?” São passíveis de resposta: 1=Sim e 3=Não. A taxa de sindicalização é obtida através da razão entre o valor obtido para V9087=1 e um denominador que representa o total de trabalhadores para o agrupamento em análise.

Lançou-se olhar sobre às taxas de sindicalização basicamente a partir dos apontamentos de Cardoso (2001)* que conceitua a relação entre o total de sindicalizados e o total de empregados como uma medida aproximada da força dos sindicatos na sociedade. Sua abordagem indica uma dupla determinação para as taxas de sindicalização: 1) aspectos estruturais; e 2) escolhas estratégicas dos próprios sindicatos. Esta abordagem foi utilizada para verificar a validade da hipótese da pesquisa.

RESULTADOS

Quadro: Comparação entre mudanças do mercado de trabalho e características do associativismo sindical nos anos 2000.

| Critério de análise | Mudanças do mercado de trabalho | Características do associativismo sindical |
|------------------------|--|---|
| a) Atividade econômica | Ampliação da participação dos setores de serviços e comércio na geração de empregos. Em contrapartida, há redução da participação do emprego de trabalhadores na indústria. | Trabalhadores da indústria aparecem como os mais sindicalizados, embora esta taxa de sindicalização tenha seguido a tendência de queda da taxa média nacional. Adesão sindical no ramo de serviços foi próxima da média e entre comerciários bem abaixo. |
| b) Escolaridade | Aumento da escolaridade do trabalhador. Prevalece o trabalhador com escolaridade intermediária (entre 11 e 14 anos de estudo). Empregados com mais de 15 anos de estudos também ampliam participação no mercado de trabalho. | Quanto maior a escolaridade, maior a taxa de sindicalização. Porém, a sindicalização recuou entre os trabalhadores com maior nível escolar, principalmente dentre aqueles com nível superior completo. |
| c) Remuneração | Predominância na geração de empregos de baixa remuneração (entre 1 e 2 salários mínimos). | Quanto maior a remuneração, maior a taxa de sindicalização. Trabalhadores com remuneração acima de 3 salários mínimos representaram nos sindicatos parcela bem superior àquela que representavam perante o total de empregados. |
| d) Região geográfica | Maior participação das regiões norte, nordeste e centro-oeste no total de empregos formais. No entanto, parcela predominante do emprego formal ainda continua concentrada na região sudeste. | Redução da sindicalização na região sul. Trabalhador do nordeste, sul e sudeste, nesta ordem, foram os mais sindicalizados no período. Região norte ampliou consideravelmente a taxa de sindicalização embora ainda continue bem abaixo da média nacional, assim como a sindicalização no centro oeste. |
| e) Faixa etária | Ampliação da participação dos mais velhos no mercado de trabalho em decorrência do envelhecimento da população. | Taxa de sindicalização mais elevada entre os mais velhos. Jovens ingressantes no mercado de trabalho (entre 15 e 23 anos) tem taxa de adesão sindical extremamente baixa. |
| f) Cor/ Raça | Maior participação de indivíduos não-brancos no mercado de trabalho. | Sindicalização muito parecida para brancos e não-brancos, embora o primeiro grupo apresente taxas pouco superiores. Ao longo da década houve processo de convergência das taxas dos dois grupos. |
| g) Sexo | Ampliação da participação feminina no mercado de trabalho. | Ampliação da participação feminina nos sindicatos, porém de forma menos que proporcional ao aumento da sua participação no mercado de trabalho. Taxa de sindicalização feminina foi inferior à masculina. |

Fonte: Elaboração própria a partir do levantamento de dados da pesquisa

CONCLUSÕES

- A hipótese de que a estrutura de emprego (variáveis atividade econômica e remuneração) seria uma boa variável explicativa para a evolução da taxa de sindicalização se confirma, embora seja necessário fazer algumas ressalvas como a ocorrência de queda geral das taxas, mesmo nos grupos de sindicalização mais expressiva e o caráter de alta rotatividade dos empregos no período;
- Cenário contraditório na década, onde por um lado melhoram os indicadores do mercado de trabalho, as condições de negociação coletiva e participação de sindicalistas no governo, mas, por outro, nota-se um avanço do individualismo e do processo de descrença na organização coletiva e no próprio movimento sindical enquanto entidade representante da classe trabalhadora
- Coloca-se então um dos grandes desafios para o sindicalismo na nova década, que é lidar com as particularidades e interesses de grupos específicos dentre os trabalhadores, necessidade latente para manutenção e ampliação da base de filiados, sem incorrer em demasiadas concessões e arranjos contraditórios com sua posição de entidade de classe dos trabalhadores.

*CARDOSO, A. “Problemas da representação do sindicalismo brasileiro: O que aconteceu com a filiação sindical?” In: TOLEDO (org.). Los sindicatos frente a los procesos de transición política. CLACSO / ASDI; Buenos Aires, 2001.